

SALAS DE CINEMA

EM SÃO PAULO: 1895-1929

SONHO E REALIDADE

Os cinemas, na década de 1910, convivem com a improvisação, refletindo em parte o oportunismo do novo filão, e com projetos marcados pelo modelo do grande teatro. Salas menos ambiciosas apresentam um programa com traços poucos definidos. Alguns casos, como o *Roma*, na Rua Barra Funda, em projeto de 1913, registram o investimento simbólico em fachadas efusivas, que, como muitos, parece não ter ganho concretude.

Durante a década de 1920, novos capitalistas dão forma ao luxo e ao sonho, aproximando-se aos *movie palaces* norte-americanos. O *Alhambra* (1927-1928), situado na Rua Direita, e o *Santa Cecília* (1928-1930), num antigo trecho da Rua das Palmeiras, coroam esse desejo numa fase já de transição para o cinema sonoro.

Na maior parte das vezes, porém, tentava-se impressionar o espectador com algum luxo. A edificação do Martinelli, arranha-céu mais alto da América Latina, inclui o cinema, onde um interior de mármore e lustres procurava atrair as elites. Um aspecto denota, contudo, uma alteração no programa arquitetônico: o balcão amplo, com o desaparecimento dos camarotes e galerias.

A modernização técnica se impõe com a chegada do sonoro. Quase uma década depois entra em cena a marca da arquitetura moderna. Em menos de vinte anos, o mercado estará sob as mãos de outra geração de exibidores sintonizados com novas demandas. As velhas edificações desaparecerão, quase sem registro em imagens ou palavras, exceto pelos anúncios e projetos de arquitetura.

